

A metamorfose no conto “Maira da Luz”, de Orlanda Amarílis

Metamorphosis in the short story “Maira da Luz”, by Orlanda Amarílis

Lisiane Oliveira e Lima Luiz¹

Eliana Azevedo Sarmiento²

Resumo: O presente artigo propõe-se a analisar o conto “Maira da Luz” da obra *A casa dos Mestros* (1989) da escritora neorrealista cabo-verdiana Orlanda Amarílis. No Conto, Orlanda Amarílis dá vida a personagem protagonista Maira da Luz que representa as desigualdades sociais em que as mulheres, ainda na adolescência, eram submetidas na sociedade cabo-verdiana do período colonial. Este artigo pretende discutir a metamorfose de Maira da Luz como forma de fuga de um determinismo não aceito e seu posterior aniquilamento pela personagem antagonista (Cesarina) representando o poder colonial português. Para embasar a análise, utilizaremos os seguintes teóricos: Abdala Júnior (1993), Ferreira (1987), Gagnebin (1993), Todorov (1992), entre outros. Neste conto, de final surpreendente, é nítido a busca da escritora em representar no enredo a sociedade cabo-verdiana do período colonial e a realidade da mulher, que por meio dos estudos, sonhava em ter uma condição de vida melhor, mas é impedida pelo sistema dominador colonial e seus representantes que eliminam toda forma de resistência.

Palavras-chave: Conto; Maira da Luz; Metamorfose; Cabo-verdiana.

Abstract: This article proposes to analyze the short story “Maira da Luz” from the work *A casa dos Mestros* (1989) by the Cape Verdean neorealist writer Orlanda Amarílis. In the story, Orlanda Amarílis brings to life the protagonist Maira da Luz, who represents the social inequalities to which women, still in their teens, were subjected in Cape Verdean society during the colonial period. This article intends to discuss Maira da Luz's metamorphosis as a way of escaping from an unaccepted determinism and its subsequent annihilation by the antagonist character (Cesarina) representing the Portuguese colonial power. To support the analysis, we will use the following theorists: Abdala Júnior (1993), Ferreira (1987), Gagnebin (1993), Todorov (1992), among others. In this short story, with a surprising ending, the writer's quest to represent Cape Verdean society in the colonial period and the reality of women who, through studies, dreamed of having a better life condition, but are prevented by colonial domineering system and its representatives that eliminate all forms of resistance.

Keywords: Tale; Maira da Luz; Metamorphosis; Cape Verdean.

¹ Doutoranda em Estudos Literários pela UNEMAT. Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Rondônia (2018). E-mail: elianasarmiento35@hotmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3859-7127>

² Graduada em Letras/Inglês pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Mestranda em Estudos Literários pela Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR). E-mail: elianasarmiento35@hotmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3617-4294>

1 Contextualização teórico-literária de Cabo Verde

O presente artigo tem o objetivo de analisar o conto “Maira da Luz” da escritora cabo-verdiana Orlanda Amarílis, considerada pelos críticos uma escritora neorrealista e leitora da Literatura Brasileira Modernista (2ª geração) da década de 30, também conhecida como literatura regionalista. Os autores brasileiros desse período trazem à tona um Brasil marcado pelas desigualdades sociais e pela seca que assolava o Nordeste. De acordo com o teórico Manuel Ferreira em *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa* (1987), até 1930 a Literatura cabo-verdiana era tipicamente influenciada pela literatura europeia. A partir dessa data, há uma mudança nesse aspecto, pois os intelectuais cabo-verdianos passaram a escrever uma literatura em que a identidade nacional de Cabo Verde é colocada em destaque (FERREIRA, 1987). Esses intelectuais liam autores brasileiros como José Lins do Rego, Jorge Amado, Manuel Bandeira, entre outros. É notório que a literatura de alguns desses autores brasileiros, exemplificados, aproximava-se da vida dos cabo-verdianos, pois Cabo Verde, assim como a Região Nordeste do Brasil possui períodos de seca.

A escritora Orlanda Amarílis está entre os intelectuais que aderiram ao movimento de renovação da Literatura cabo-verdiana. Em 1989 é publicada a obra *A casa dos Mastros*, em que está presente o conto “Maira da Luz”, objeto de análise deste artigo. Os contos de Orlanda Amarílis retratam em muitos momentos e com muita realidade a vida, as mazelas sociais e o cotidiano do povo cabo-verdiano, os emigrados, e em especial as mulheres, que buscam como em qualquer outra parte do mundo, resistindo ao domínio patriarcal, o seu direito de voz e liberdade.

Benjamim Abdala Junior no artigo *Imagens da identidade e a diferença: Manuel Lopes e o despertar da caboverdianidade* (1994) afirma que Orlanda Amarílis “Vê seu povo de migrantes através da mulher - a adversidade de sua condição olha para uma adversidade mais geral” (ABDALA JÚNIOR, 1994, p. 20), ou seja, ao olhar a mulher que migra (ou tem o desejo de migrar/emigrar) com uma espécie de foco ou lente de aumento, a escritora consegue ter uma visão do todo, da sociedade cabo-verdiana representada pela mulher em sua ficção.

Nesse sentido, no Conto “Maira da Luz”, Orlanda Amarílis dá vida a personagem protagonista Maira da Luz que representa as desigualdades sociais na qual as mulheres, ainda na adolescência, eram submetidas na sociedade cabo-verdiana do período colonial. Este artigo

pretende discutir a metamorfose da personagem Maira da Luz como forma de fuga de um determinismo não aceito e seu posterior aniquilamento pela personagem antagonista, Cesarina, que representa o poder colonial. Neste conto, de final surpreendente, é nítido a busca da escritora em descrever, no início do enredo, a sociedade cabo-verdiana daquela época (período colonial).

2 Breve contextualização de Cabo Verde no período colonial

Para contextualização do conto em análise, faremos uma breve apresentação de Cabo Verde no período colonial. Trata-se de um país composto por um grupo de dez ilhas, localizadas na Região Central do Oceano Atlântico, agrupadas em dois conjuntos: o de Barlavento, ao norte, composto pelas ilhas de Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau, Sal, e Boa Vista, e os ilhéus Branco e Raso; e o de Sotavento, ao Sul, formado pelas ilhas Brava, Fogo, Santiago e Maio e os ilhéus Secos. O achamento de Cabo Verde pelos portugueses é registrado em 1460. No ano de 1462, inicia-se o povoamento de Cabo Verde com a ocupação portuguesa na Ilha de Santiago. A posição geográfica dessas ilhas no Atlântico foi estratégica para as pretensões colonizadoras de Portugal e assegurou o comércio na costa africana (HERNANDEZ, 2002).

Os colonizadores portugueses ao estabelecerem-se na ilha tinham a intenção de povoá-la, no entanto, com o passar do tempo, perceberam as dificuldades apresentadas, como clima seco, paisagem árida, período de seca e escassez de terras para cultivo. Esses fatores climáticos contribuíram para que o número de europeus, como portugueses, castelhanos e genoveses, na ilha de Santiago, fosse bastante reduzido. Com o objetivo de povoar a ilha, a coroa portuguesa ofereceu incentivos nesse processo, conforme aponta Hernandez (2002):

Para se instalarem e cultivarem as terras recebidas da Coroa, os homens brancos, nobres e plebeus, alguns deles degredados por razões políticas, religiosas e até por crimes comuns, reivindicam ampla autonomia e liberdade para resgatar negros da costa e dos rios da Guiné, sendo alguns deles vendidos para áreas como as Antilhas, as Canárias e algumas cidades europeias, como Sevilha e Cadiz, entre outras (HERNANDEZ, 2002, p. 23).

Dessa forma, o povoamento de Cabo Verde foi formado por escravos, negros livres que acompanhavam os comerciantes, mercenários, capitães dos navios, e as etnias presentes na Costa da Guiné. A mestiçagem do povo cabo-verdiano é resultante, sobretudo, das relações

senhor branco/ escrava negra ou dos membros do clero e suas concubinas negras (HERNANDEZ, 2002).

Outro fator marcante em Cabo Verde, no Período colonial, foi a seca e a fome de 1927 e 1947 que assolou a população mais pobre, que para sobreviver, não via outra alternativa a não ser a emigração. Sobre isso Manuel da Veiga (1998) aponta:

País colonizado, dependente dos outros, não podia diretamente procurar ajuda em outros países ou de recorrer a solidariedade internacional. A sua voz ficou presa na sua redoma ilhada, e os seus gritos não ultrapassaram os himalaia das suas rochas, circundadas de maresia entre mar e céu. (...) Foram anos de amargura e desolação, de carestia e mortandade, que geraram uma situação de luta titânica na procura de sobrevivência (VEIGA, 1998, p.53).

Cabo Verde permaneceu, por longos anos, sob o domínio de Portugal. Somente em 1975, após luta armada, Cabo Verde e outras colônias portuguesas como Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Moçambique conquistaram a independência.

3 Análise do conto “Maira da Luz”

Em “Maira da Luz”, a narração é em terceira pessoa por um narrador onisciente. É por meio dessa voz que Cabo Verde se faz presente. O conto narra a história de uma adolescente pobre cabo-verdiana que sonha em ser médica e promover mudanças na Saúde de seu país. O conto inicia-se com as seguintes palavras da narradora:

Se acaso perguntassem a Maira da Luz qual a sua premonição quanto ao futuro, ela responderia: “Vou ser médica. Vou usar uma bata branca como a da doutora Maria Francisca. Mandarei construir um hospital novo e uma maternidade. No hospital haverá raios x e ultravioletas; e ondas curtas. E a roupa da cama dos doentes será mudada todos os dias. Na sala de operações terei um bom anestesiologista e as melhores enfermeiras. E nenhum doente morrerá nas minhas mãos por incúria ou desleixo”. Estes eram os sonhos de Maira da Luz (AMARÍLIS, 1989, p.118).

A protagonista Maira da Luz ao entrar no Liceu vê uma oportunidade de concretizar os sonhos. Afinal, ela tornara-se “menina do Liceu”, uma escola composta, em sua maioria, por meninas. No primeiro dia de aula, entendeu a dinâmica organizacional da escola, os locais destinados às meninas e aos meninos, as regras, os toques para entrada e o que fazer para não ser encaminhada à diretoria.

No segundo dia de aula, mais familiarizada com o ambiente resolveu colocar um vestido que havia ganhado de sua madrinha. Ao chegar à escola Maira da Luz chama a atenção de Marta, inspetora das meninas e conhecida pela fama de má. Marta faz um elogio à aparência de Maira da Luz e fingindo tocar no tecido dá-lhe um beliscão, Maira reage chamando-a de bruta. Marta responde:

Cuidado! Cuidado!- avisou-a Marta. “Aqui dentro não se chamam nomes. Não pises o risco porque, senão, levo-te à reitoria”. Maira da Luz deitou-lhe a língua de fora e mudou de lugar voltando-lhe as costas. O vestido não conseguira o efeito desejado e, um pouco desiludida, entrou para a sua primeira aula de francês (AMARÍLIS, 1989, p. 121).

O narrador não nos dá uma descrição física de Maira da Luz, contudo, no conto temos informações sobre a personalidade de Maira, como no episódio acima percebemos que não se deixava intimidar, como também na passagem da sabatina do professor Duarte, onde a mesma prontamente responde à pergunta do professor de forma assertiva “soluto de glicose” (AMARÍLIS, 1989, p. 122). O narrador, em outro momento, a descreve como alguém que “tinha sempre réplica pronta na ponta da língua” (AMARÍLIS, 1989, p. 122). A inteligência de Maira era percebida pelos professores e colegas.

Maira da Luz tinha como companheira de carteira Cesarina, uma adolescente com bom nível socioeconômico. Maira não havia gostado dela desde o primeiro dia de aula e o sentimento de antipatia só aumentou quando Cesarina começou a conversar sobre roupas no intervalo da aula. A colega dava a entender que o tecido do vestido de Maira não era adequado para o Liceu e a constrangia dizendo que ganharia sete vestidos de algodão, um para cada dia.

No decorrer dos dias, Maira da Luz demonstrava felicidade por estar no Liceu e inserida nas atividades de sala. Havia um professor de Ciências chamado Dr. Duarte, as aulas dele eram cansativas e costumava fazer perguntas aos alunos. Em uma das aulas, o professor fez uma pergunta à turma e todos foram baixando a cabeça. Somente Maira respondeu à pergunta e corretamente. Então, a partir desse fato: “Começou a gozar de relativa popularidade. Fora a primeira a enfrentar o Dr. Duarte com uma resposta certa. Era importante porque a fama de severidade e sadismo do Dr. Duarte estava implantada em todo o Liceu” (AMARÍLIS, 1989, p. 122).

Com essa popularidade, Maira foi convidada por duas meninas a fazer parte de um grupo de estudos. Cesarina ao perceber os encontros estudantis das meninas foi tomada pela inveja e

começou a fazer chantagem dizendo que iria falar para a mãe de Maira que a mesma estava namorando ao invés de estudar. Maira da Luz, desde o início do enredo, é oprimida por Cesarina, personagem antagonista. De acordo com Monteiro (2000), o comportamento de Cesarina corroborava com o pensamento dominador da classe social a qual pertencia, ao afirmar que:

Cesarina traz por dentro o ciúme desbragado e gratuito, a competitividade selvagem e perniciosa da classe dominante que luta ferozmente para manter-se no poder acima de todos os outros seres, sejam eles quais forem, chegando ao ponto de aniquilá-los sem ao menos se dar conta disto, ou até fazendo por puro prazer (MONTEIRO, 2000, p. 57).

Cesarina, deriva do nome masculino, César, que de acordo com o *Dicionário Online de Português*, significa “Déspota, tirano”. Fazendo uma analogia, Cesarina pode ser lida no conto como a representação do colonizador que oprime o colonizado, este representado por Maira da Luz que por ser mulher e colonizada não consegue realizar o seu sonho de ser médica devido a sua situação financeira. Embora, Maira da Luz não fosse uma ameaça para Cesarina, em todo o conto, é nítido o desejo de Cesarina em humilhá-la em todas as situações possíveis, a fim de mostrar a sua adversária que aquele lugar ocupado na escola não pertencia a ela, em razão de sua classe social.

3.1 O espaço: Liceu D. Henrique, a casa da família e o Tarrafal

Um fato quebra a rotina escolar de Maira da Luz: o fechamento do Liceu Central Infante D. Henrique. Uma denúncia feita à Metrópole de que o Dr. Duarte, professor de Ciências, havia elogiado em uma data comemorativa o povo inglês, a educação e o esporte britânico provocou o fechamento da escola. Maira da Luz naquele momento não havia se dado conta do perigo que isso causava aos seus planos, mas:

À noite quando se meteu na cama viu tudo mais claro. E arrepiou-se. Arrepiou-se porque a sua vida ia parar. Ia tornar-se uma rapariga vulgar, uma rapariga qualquer, sem estudos. Os pais não tinham possibilidade de a mandar para a Metrópole para os continuar. Mas nem uma lágrima lhe assomou aos olhos. Não tinha jeito para chorar (AMARÍLIS, 1989, p. 123).

No conto, realidade e ficção dialogam, pois o fechamento do Liceu aconteceu realmente no período colonial em Cabo Verde. Na narrativa, tratava-se de uma retaliação do governo

português à colônia, mostrando o que acontecia a qualquer instituição que pusesse em risco a ideologia e domínio colonizador. Como punição, Dr. Duarte foi afastado do Liceu e do hospital onde realizava consultas. Com a interrupção das aulas, em virtude do fechamento ordenado pela Metrópole portuguesa, Maira passava a maior parte do tempo em casa e sentiu ameaçado o sonho de estudar e ser médica.

O período de fechamento do Liceu foi de uma semana. A reabertura não deixou Maira da Luz confiante, pois vivia preocupada e com medo de o fecharem outra vez. O Liceu reabriu, mas com um novo nome: Gil Eanes. Esse novo nome causou certo alvoroço entre os alunos, porque não sabiam quem era o homenageado. Diferentemente do conhecimento que todos haviam adquirido, nas aulas da profa. Amélia, sobre o antigo homenageado, o Infante D. Henrique.

Fazendo um paralelo entre o conto e o contexto histórico, o Liceu Gil Eanes, mencionado na narrativa é o Liceu onde Orlanda Amarílis estudou. A escritora traz para o mundo ficcional a instituição onde realizou os seus estudos iniciais. De acordo com fontes históricas, o Liceu foi extinto em 1937 pelo governo português, e nesse mesmo ano, o governo foi forçado a reabri-lo com o nome de Gil Eanes, em homenagem ao navegador português, natural de Lagos (Algarve), escudeiro do Infante D. Henrique. Esse navegador, em 1434, foi o primeiro a atravessar o Cabo Bojador, pondo fim ao terror que havia sido criado dando início ao período dos “grandes descobrimentos”.

No conto, os anos no Liceu passavam-se. A cada ano chegavam moças e rapazes de outros lugares e animavam um pouco mais a cidade. Maira da Luz já não via o Liceu com os mesmos olhos: “Era bom. Todavia, desde que o Liceu mudou de nome, nunca mais lhe pareceu o mesmo” (AMARÍLIS, 1989, p. 124).

Maira da Luz morava em uma casa simples com a mãe, uma senhora de 41 anos, o pai um senhor de 82 anos, o irmão e o tio. Essa diferença de idade entre o casal, de acordo com Fabiana Grecco (2012) era um reflexo do fluxo migratório da população masculina, pois os rapazes saíam de Cabo Verde em busca de melhores condições sociais e dificilmente retornavam. Dessa forma, muitas jovens acabavam casando com homens mais velhos que não haviam conseguido emigrar.

A casa de Maira foi esvaziando-se aos poucos. Primeiro, o irmão de Maira foi para Coimbra continuar os estudos, depois o tio Eduardo emigrou, e por fim, a morte por velhice do pai. A partir desse momento, Maira da Luz e sua mãe passaram grande necessidade econômica:

No ano seguinte não pode matricular-se. A mãe não tinha pensão de sobrevivência, nada. Quase passavam fome em casa. Comiam bolachas com água e café refervido de manhã, moíam milho para papas ao meio-dia e tornavam a comer uma bolacha cada uma ao entardecer. No alto do pelourinho, na loja do senhor Atílio iam acumulando uns fiados até receberem algum dinheiro do tio Eduardo. Descalçava-se em casa para não gastar as solas dos sapatos (AMARÍLIS, 1989, p. 125).

Maira da Luz e sua mãe estavam sozinhas e sem perspectivas de um futuro melhor. Uma das consequências da emigração cabo-verdiana, desse período, era a situação de abandono em que as mulheres ficavam sujeitas. Sobre isso, Maia (2007) aponta:

Fustigada pela escassez de recursos que lhe permitam a sobrevivência, uma população inteira de gente válida, a chamada ‘população activa’ opta pela partida. Fica um mundo pequeno, reduzido, exíguo, de corpos frágeis que já não encaram a possibilidade de emigrar. São as mulheres, as mães, as crianças que povoam grandes partes dos contos (MAIA, 2007, p.271).

Maira, em razão das dificuldades financeiras, havia saído da escola e não tinha perspectiva de retorno. O sonho da menina pobre de vencer pelos estudos, de tornar-se uma médica, de criar hospitais e melhorar as condições de saúde de seu povo havia ficado perdido em algum lugar da ilha. Ela e sua mãe passaram a viver na miséria, isoladas dos espaços públicos, vivendo apenas, no espaço privado. Como mulher colonizada em um sistema patriarcal, não poderia ter outro destino, a não ser esse. Com a ausência masculina, Maira acabou tornando-se incapaz de progredir, ao contrário de Cesarina, que por intermédio do tio consegue um cargo de escrevente, ainda que fosse sob supervisão dele, como a mesma afirma, “um lugar ao pé dele” (AMARÍLIS, 1989, p. 125).

Desse modo, observamos no conto, a dupla colonização de Maira; pois foi incapaz de decidir por sua vida profissional sem que houvesse a intervenção de uma figura masculina. Maira não se torna médica, cargo ocupado pela maioria masculina, o que lhe está destinado é o cargo de professora na colônia do Tarrafal³; limitando-a ao que o sistema colonial definia. Assim, ao receber o cargo de professora e ser designada para o Tarrafal, a personagem Maira representa todos os intelectuais oprimidos e silenciados pelo sistema colonial português.

³Tarrafal- Colônia Penal situado na ilha de Santiago (Cabo Verde).

3.2 A metamorfose no conto “Maira da Luz”

A operação que consiste em conciliar o possível e o impossível pode chegar a definir a palavra “impossível”. E, entretanto, a literatura é: eis aqui seu maior paradoxo.
(Tzvetan Todorov)

A personagem Cesarina configura o exemplo da falta de sororidade, conceito essencial do movimento feminista para estimular o apoio e a união entre as mulheres. Prova disso, foi a inveja que Cesarina desenvolveu pelo fato de Maira da Luz ter ganhado dela em uma sabatina na aula de português. A partir desse episódio, passou a desmerecer a colega, afirmando que Maira da Luz, que significava estrela, nada tinha a ver com ela, pois não havia nascido para brilhar, era sim, uma estrela decadente. Cesarina, pelo fato de ter um nível social privilegiado, não aceitava dividir a carteira escolar com uma menina pobre e, muito menos, que essa menina tivesse um nível intelectual maior que o dela. Maira, em certa manhã, surpreende-se em encontrar Cesarina, que vinha toda alvoroçada, contar-lhe que havia conseguido um emprego na administração:

“Ei, Maira, bom dia!” Maira não lhe respondeu. “Começo hoje a trabalhar na administração. Tio Chico arranjou-me um lugar ao pé dele. Vou escrever à máquina”. O riso de Cesarina desafiava-a. Maira ficou a olhar para as casas ao longo da rua (AMARÍLIS, 1989, p.125).

De acordo com o excerto acima, podemos perceber que Maira da Luz ignorou Cesarina e seu “sucesso”, o riso desafiador de Cesarina descrito pelo narrador nos dá a entender a atitude de superioridade que a mesma queria mostrar a Maira da Luz pelo fato de ter conseguido um emprego, ter um “padrinho” ou protetor (tio Chico); situação que Maira da Luz não tinha, pois o pai havia morrido, o irmão e o tio estavam longe, enfim, estava desamparada.

Diante dessa atitude de Cesarina, Maira tomou uma decisão de buscar emprego. Nesse intuito, foi ao Liceu e solicitou um certificado de bom comportamento, conseguiu um padrinho, mas o resultado não foi como esperado. O emprego que havia conseguido foi de professora no posto de ensino do Tarrafal. Sua mãe, D. Eufémia, havia ficado muito feliz, chorava de felicidade, afinal não passariam mais tanta necessidade, pois sua filha estava empregada.

Maira da Luz deixou-se abraçar. Sem alegria nenhuma. Nunca lhe passou pela cabeça ter de deixar Mindelo, o seu querido Mindelo. E, para mais, para ser professora de posto de ensino. Que fizera dos seus sonhos de menina? Quem lhe traçara o destino final? (AMARÍLIS, 1989, p. 126).

O Tarrafal, citado no conto, faz referência a uma Colônia Penal que também era conhecido como Campo do Tarrafal ou campo de concentração do Tarrafal, situado na ilha de Santiago (Cabo Verde) criado pelo Governo Português do Estado Novo, no ano de 1936. Ao criar esse campo, o Governo português pretendia afastar da Metrópole os presos políticos e os que se mostravam resistentes à disciplina Salazarista. A partir de 1961, os anticolonialistas de Angola, Cabo verde e Guiné- Bissau foram presos no Tarrafal também. Os críticos passaram a chamar essa Colônia de “O Campo da Morte Lenta”, pois os prisioneiros viviam em uma situação degradante e eram submetidos à tortura.

O impacto dessa notícia atingiu profundamente Maira da Luz, e assim, acontece a sua metamorfose em um inseto parecido com uma carocha (escaravelho). Minutos após a metamorfose, Cesarina, aparece na casa de Maira da Luz:

Uma sombra esguia e desengonçada estirou-se na calçada. Cresceu e alongou-se. Depois, um vulto sobrepôs-se sobre a sombra, a mancha a aproximar-se da casa. Maira identificou as passadas tontas da Cesarina, estovada no andar, amiga de picardias. **Espreitando por entre as tabuinhas e, encolhida de temor no âmago do eu**, não chegou a levantar a vista dos samatás de pelica da intrusa postada na porta entreaberta. Entrou sem bater. Surpresa maior foi a descoberta da Maira de uns pés enormes quase a pisarem-na e de uma voz a desmoronar-se sobre si, a voz de Cesarina. Tinha entrado e rugia para a mãe da antiga companheira de carteira. “Bom dia, D. Eufémia. A Maira não está?” Mas eu estou aqui. Não me vês Cesarina? (AMARÍLIS, 1989, p. 126, grifo nosso).

Maira da Luz não ouviu a própria voz. O temor tomou conta dela. Nenhum som saía. Já a de Cesarina assemelhava-se ao rugido de um leão. O movimento do inseto no canto da janela deixando uma baba chama a atenção de Cesarina que diz: “D. Eufémia, viu isso aí? Repare nessa coisa, nesse bicho tão nojento”. Apontou o dedo esticado. “Parece uma carocha, não parece? (...) parece daquelas carochas malcheirosas” (AMARÍLIS, 1989, p. 127) disse enojada. O inseto continuou a arrastar-se, agora, pelo chão. Então, Cesarina desferiu seu ataque final levantando o pé e matando o inseto:

“Pois eu, D. Eufémia, (...) pois eu a bichos faço assim.” Levantou o pé e esborrachou a nódoa castanha. Um estalido elevou-se no ar. D. Eufémia abriu muito os olhos, soltou um som rouco e curto e estatelou-se no soalho de tábuas(...). E assim selaram a casa porque a D. Eufémia enlouqueceu e a Maira da Luz tinha desaparecido sem deixar rastro (AMARÍLIS, 1989, p. 126-127).

O conto de Orlanda Amarílis possui um final surpreendente, enquadrando-se dentro do conceito de conto fantástico, em razão do processo abrupto e repentino de metamorfose animal de Maira da Luz e seu aniquilamento logo em seguida. Para Selma *apud* Monteiro (2000):

O termo fantástico (...) refere-se ao que é criado pela imaginação, o que não existe na realidade, o imaginário, o fabuloso. Aplica-se, portanto, melhor a um fenômeno de caráter artístico, como é a literatura, cujo universo é sempre ficcional por excelência, por mais que se queira aproximá-lo do real (SELMA *apud* Monteiro, 2000, p. 82).

Dessa forma, percebemos que por mais que Orlanda Amarílis denuncie a realidade feminina cabo-verdiana em uma determinada época (período colonial), ela o faz por meio da Literatura, permitindo assim, o diálogo do real com o imaginário e o estranhamento que uma obra literária é capaz de causar no leitor. Como afirma Todorov na Obra *Introdução à Literatura Fantástica* (1968, p. 8): “A literatura se cria a partir da literatura, e não a partir da realidade, seja esta material ou psíquica; toda obra literária é convencional”.

O conto, com desenvolvimento linear, finaliza com o aniquilamento de Maira da Luz por sua antagonista Cesarina. E nos faz pensar: Que “gatilho” emocional ocasionou essa transformação? A metamorfose deu-se pelo fato de Maira da Luz, uma jovem que sonhava em ser médica, cuidar da saúde da sua comunidade, ter que dar aulas no Tarrafal, local que presenciaria diariamente sofrimentos e torturas, sem nada poder fazer, e isso a chocou profundamente?

Nenhuma mudança física, ao longo do conto, nos antecipa a metamorfose de Maira da Luz, assim como acontece, também, no conto *Metamorfose*(2001), de Franz Kafka; pois Gregor Samsa, o personagem principal, acorda, depois de sonhos inquietantes, metamorfoseado em um inseto gigante e repugnante. No decorrer do enredo de *Metamorfose* (2001), percebemos a exploração financeira a qual o personagem era submetido, pois a vida dele resumia-se ao trabalho e sustento do pai, mãe e irmã adolescente. Mas, metamorfoseado em inseto, causava repugnância e terror na família, que tentava livrar-se da presença dele na casa, deixando de

alimentá-lo, ignorando-o e machucando-o. Por fim, acabou morrendo em decorrência dos maus-tratos, principalmente do pai.

Outro exemplo de metamorfose, ocorre no conto “Meu tio o iauaretê” de Guimarães Rosa, publicado em *Estas Histórias*, no ano de 1969. O narrador-protagonista é um onceiro⁴ que vai dando pistas da sua metamorfose em onça ao visitante, um viajante que lhe pede abrigo. Aos poucos, o onceiro vai perdendo suas características humanas, pois sua linguagem vai metamorfoseando-se numa mistura de português, tupi e grunhidos de animal até a transformação total em onça. No entanto, a história termina, não deixando claro se o onceiro-onça foi morto ou se matou o visitante.

Analisando, especificamente, o conto “Maira da Luz” por um viés do comportamento mimético⁵, no conceito de Adorno, temos um exemplo da mimesis infernal⁶ citada por Jeanne-Marie Gagnebin (1993) no artigo *Do conceito de Mimesis no pensamento de Adorno e Benjamin*, em que a vítima é condenada a se tornar sempre vítima e o torturador a permanecer torturador, uma vez que Maira da Luz, como podemos observar no conto, desde o primeiro dia de aula e no decorrer dos anos foi oprimida por Cesarinano Liceu e em outros espaços e, por fim, pisoteada, aniquilada em sua própria casa.

4 Considerações finais

A escritora cabo-verdiana Orlanda Amarílis, por meio da ficção, nos apresenta a personagem Maira da Luz, representando a violência imposta à mulher de classe social desprivilegiada. Percebemos que Maira, por mais inteligente, “iluminada”, sonhadora e disposta a crescer socialmente, foi impedida pela estrutura colonial de desenvolver-se, uma vez que essa estrutura oblitera as oportunidades de crescimento de quem não faz parte da elite, a fim de preservar o *status quo*, e manter os privilégios da classe social dominante.

⁴ Onceiro- caçador de onça.

⁵ Comportamento mimético- “Os textos dos etnólogos franceses da época (em particular R. Caillois e M. Mauss), citados por Adorno e Horkheimer, o comportamento mimético é caracterizado como um comportamento regressivo de assimilação ao perigo, na tentativa de desviá-lo. Seguindo o exemplo primeiro do mimetismo animal, por exemplo da borboleta imóvel que tem as mesmas linhas marrons e verdes que a folha sobre a qual repousa, o "primitivo" se cobre de folhagens para melhor desaparecer na floresta, para não ser visto pela onça que caça[...]”.(GAGNEBIN, 1993, p.6).

⁶ *Mimesis infernal*- “*Mimesis infernal* pensada também por Freud e Nietzsche, que condena a vítima a se tornar novamente vítima e encoraja o torturador a continuar torturador. (GAGNEBIN, 1993, p.10)”.

O conto é chocante, causa um desconforto, mas ao mesmo tempo, por meio de metáforas, traz reflexões sobre as estratégias de silenciamento/aniquilamento impostos às mulheres pobres em ambientes considerados privilegiados na sociedade colonial cabo-verdiana e as dificuldades de acesso a esses espaços.

Sendo assim, a personagem Maira da Luz, ao ir para o enfrentamento, não se utilizou do mecanismo regressivo do mimetismo animal da borboleta imóvel que tem as mesmas cores que a folha em que repousa para salvar-se do perigo, o que Adorno define como a face perversa da representação. Ao contrário, Maira da Luz enfrentou, no entanto, foi oprimida, amedrontada e por fim teve seu brilho apagado ao ser aniquilada por Cesarina, que representa no conto, o poder colonial português o qual silenciou, e pôs fim, a muitos sonhos e vidas na colônia do Tarrafal.

Referências

ABDALA JÚNIOR, Benjamin. Globalização, Cultura e Idealização em Orlanda Amarílis. *In: CARVALHAL, Tânia Franco; TUTIKIAN, Jane. Literatura e História: Três vozes de expressão portuguesa* – Helder Macedo, José Saramago e Orlanda Amarílis. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 1999.

ABDALA JÚNIOR, Benjamin. **Imagens da identidade e a diferença: Manuel Lopes e o despertar da caboverdianidade**. In: Anais do XIV Encontro de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

AMARÍLIS, Orlanda. **A casa dos mastros**. Lisboa, ALAC (África, Literatura, Arte e Cultura Ltda), 1989.

Dicionário Online de Português (DICIO). **César**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/cesar/>. Acesso em 20 jun. 22.

FERREIRA, Manuel. **Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa**. São Paulo: Ática, 1987.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. **Do conceito de Mimesis no pensamento de Adorno e Benjamin**. Perspectivas, São Paulo, 16: 67-86, 1993.

GRECCO, Fabiana Miraz de Freitas. As mulheres-ilhas de Orlanda Amarílis. **Revista Pontos de interrogação** [on line]. Edição 1. Bahia: A produção de autoria feminina - Vol. 2, n. 1, jan./jun. 2012. Disponível na internet: <http://www.poscritica.uneb.br/revistaponti/arquivos/v2n1/vol2n1-75-90.pdf>. Acesso em 20 jun. 2022.

HERNANDEZ, Leila Leite. **Os filhos da terra do sol: A formação do Estado-nação em Cabo Verde**. São Paulo: Summus, 2002.

KAFKA, Franz. **Metamorfose**. Porto Alegre: L&PMPOCKET, 2001.

MAIA, Maria Armandina. Orlanda Amarílis – os passos em volta do Ilhéu dos Pássaros. In: MATA, Inocência; PADILHA, Laura C. **A Mulher em África – Vozes de uma margem sempre presente**. Lisboa: Edições Colibri, 2007, p. 269-281.

MARQUES, Vera; FERNANDEZ, Yamila. **Esquina do tempo** [internet]. Cabo Verde: 2014 fev.[Citado em 2016 jul. 03]. Disponível em: <http://brito-semedo.blogs.sapo.cv/liceu-velho-um-edificio-com-historia-473217>. Acesso em 20 de jun. 2022.

MONTEIRO, Pedro Manoel (autor); SANTILLI, Maria Aparecida Campos Brando (orient.). **A noite escura e mais eu, de Lygia Fagundes Telles e A casa dos Mestros, de Orlanda Amarílis- Uma análise comparada**. 2000. 176 f. Dissertação (mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

ROSA, João Guimarães. **Estas estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

TINOCO, Dandara. Sororidade, substantivo feminino. **O Globo**, 6 mar. 2016. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/sororidade-substantivo-feminino-18959230>. Acesso em: 16 mar. 2022.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. 2.ed. Perspectiva, São Paulo, 1992.

VEIGA, Manuel (Coord.). **Cabo Verde, Insularidade e Literatura**. Paris: Rarthala, 1998. PP 5-14 e 32-208.